

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações



Natalia Colombo
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2020

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações



Natalia Colombo
(Organizadora)


Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: David Emanuel Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Natalia Colombo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 Ciências humanas [recurso eletrônico] : afeto, poder e interações / Organizadora Natalia Colombo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-457-3

DOI 10.22533/at.ed.573200710

1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. I.Colombo, Natalia.

CDD 300

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O primeiro volume de “Afeto, Poder e Interações” transita entre as temáticas relacionadas aos direitos humanos, democracia, cidadania, racismo, migrações e territórios.

Dialéticas Marxistas dão base para análises da prática profissional do serviço social, violação dos direitos humanos como meio de compreensão do fenômeno da pobreza (e os desafios do exercício da cidadania por pessoas em situação de rua) e práticas educativas apoiadas nos direitos humanos para a convivência com a diversidade no ambiente escolar. Colaboram, também, com as análises voltadas a um projeto educacional aplicado como ferramenta para que crianças se assimilem aos lugares de resistência ancestral de forma positiva; e sobre a relação da juventude com a alienação política. Precedendo a observação sobre como a formação continuada docente colabora com a promoção de mudanças metodológicas no ensino e, por consequência, nas mudanças de aprendizado.

Na sequência, relações de poder de ideologia patriarcal e as lutas das mulheres abrem espaço para os debates feministas e os papéis de esteio feminino nas sociedades – desde debates revolucionários à temáticas de saúde pública e autocuidado.

Performance e psicologia analítica são abordados na construção do personagem fictício e aplicados em projetos de combate à violência contra a mulher.

Reflexões de caráter antropológico e a contextualização da origem da imprensa alternativa homossexual são apresentados para o entendimento sobre a percepção de sujeitos gays negros frente à sociedade.

Além da compreensão de uma perpetuação de um estereótipo embranquecido – pano de fundo para o marketing de empreendimento imobiliário na formação do imaginário social na cidade de São Paulo.

Os capítulos finais abordam o estigma social, preconceito e desvalorização humana de profissões relacionadas à coleta de lixo; além do recorte local de um processo migratório global causador do aumento da população vulnerável em todo o planeta.

Na esteira das relações migratórias de fronteira, apresentamos como as representações sociais de identidades culturais podem reforçar, de maneira positiva, identificações entre nações.

Trata-se ainda, sobre o multiculturalismo e peculiaridades do campo; sob análises do processo histórico no qual o conceito de propriedade se cunhou; territórios e resistências na construção de comunidades e sobre a luta e libertação do colonialismo.

Natalia Colombo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
SERVIÇO SOCIAL E TEORIA MARXIANA: HISTÓRIA, SUPERAÇÕES E CONTINUIDADES Nathália Pereira Prado Solange Fernandes DOI 10.22533/at.ed.5732007101	
CAPÍTULO 2	16
A DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS E OS PROCESSOS DE VIOLAÇÃO A PARTIR DO CONTEXTO DA PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA Gustavo Júnior Andrade dos Reis Robert Henrique Sousa Dantas Paulo Sérgio Araújo DOI 10.22533/at.ed.5732007102	
CAPÍTULO 3	25
DIREITOS HUMANOS E DIVERSIDADE NA ESCOLA MUNICIPAL ALDENIRA NUNES NO MUNICÍPIO DE FLORIANO-PI Sandra Muniz Vieira DOI 10.22533/at.ed.5732007103	
CAPÍTULO 4	38
REVERBERANDO O LUGAR DA PEQUENA CRIANÇA NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM DIÁLOGO POSSÍVEL ATRAVÉS DO PROJETO: AFRICANIDADES E BRASILIDADES Marivania Xavier Cavalcanti Costa DOI 10.22533/at.ed.5732007104	
CAPÍTULO 5	49
PROTAGONISMO JUVENIL OU ALIENAÇÃO: DILEMAS DO COTIDIANO E INTERAÇÕES NO CAMPO POLÍTICO José Silon Ferreira Aloisio Ruscheinsky DOI 10.22533/at.ed.5732007105	
CAPÍTULO 6	62
ESTUDO SOCIOINTERACIONAL DO DISCURSO DE PROFESSORES DE PORTUGUÊS DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DO DF EM CURSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA Vera Lúcia Godinho Carneiro DOI 10.22533/at.ed.5732007106	
CAPÍTULO 7	73
APONTAMENTOS SOBRE PATRIARCADO, MOVIMENTOS FEMINISTAS E DIREITOS DAS MULHERES CUBANAS PÓS-REVOLUÇÃO Rita de Cassia Krieger Gattiboni Rosângela Angelin DOI 10.22533/at.ed.5732007107	

CAPÍTULO 8	85
SAÚDE E SABERES DAS MULHERES EM CONTEXTO RIBEIRINHO	
Priscila Freire Rodrigues	
Lígia Costa de Sousa Nogueira Martins	
DOI 10.22533/at.ed.5732007108	
CAPÍTULO 9	101
NÓS - TEATRO DAS OPRIMIDAS E A (DES) NATURALIZAÇÃO DAS VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES	
Michelle dos Santos Lomba	
DOI 10.22533/at.ed.5732007109	
CAPÍTULO 10	116
O MUNDO ÍNTIMO DOS ARTISTAS: SANIDADE OU LOUCURA SOB O VIÉS JINGUIANO	
Andréa Hamminni Pires da Silva Avila Franquetto	
Carla Barcelos Nogueira Soares	
João Carlos de Aquino Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.57320071010	
CAPÍTULO 11	128
QUESTÕES DE (DES)GOSTO: NOTAS REFLEXIVAS SOBRE MASCULINIDADE, NEGRITUDE, HOMOSSEXUALIDADE E AFETO	
Vinicius Luis Pires Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.57320071011	
CAPÍTULO 12	140
A EUGENIA NA CIDADE DE SÃO PAULO ENTRE OS ANOS DE 1988-1990 ATRAVÉS DO JORNAL “FOLHA DE SÃO PAULO”	
Bolají Alves Matos de Paula Xavier	
DOI 10.22533/at.ed.57320071012	
CAPÍTULO 13	151
O CANTO DAS SEREIAS: IMAGENS DO HABITAR NA CIDADE DE SÃO PAULO SOB O CAPITALISMO FINANCEIRO	
Maria Fernanda Andrade Saiani Vegro	
Fábio Lopes de Souza Santos	
DOI 10.22533/at.ed.57320071013	
CAPÍTULO 14	167
O GARI E O CATADOR COMO TRABALHADORES <i>OUTSIDERS</i> E A ESTIGMA SOCIAL	
Kayo Henrique Duarte Gameleira	
Thallys Emanoell Pimenta de Freitas	
Ailton Siqueira de Sousa Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.57320071014	

CAPÍTULO 15	180
REFUGIADOS NA AMÉRICA LATINA: REFLEXÕES SOBRE O MOVIMENTO MIGRATÓRIO DOS VENEZUELANOS PARA O BRASIL	
Lucelaine dos Santos Weiss Wandscheer	
Flávia Candido da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.57320071015	
CAPÍTULO 16	194
A REAFIRMAÇÃO DO ESTEREÓTIPO DA AMIZADE URUGUAIO-BRASILEIRA NO TELEJORNALISMO E NO IMAGINÁRIO FRONTEIRIÇO	
Roberta Brandalise	
DOI 10.22533/at.ed.57320071016	
CAPÍTULO 17	208
IMPLICÂNCIAS E SILÊNCIOS DA HISTÓRIA EM RELAÇÃO AO LINGUAJAR CAMPEIRO: APONTAMENTOS PRELIMINARES	
Manoel Adir Kischener	
Everton Marcos Batistela	
Airton Carlos Batistela	
Mariza Rotta	
DOI 10.22533/at.ed.57320071017	
CAPÍTULO 18	226
A PROPRIEDADE DA TERRA ENTRE OS SÉCULOS XVI E XIX NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA	
Lorenzo Giovanni Gava	
Eleide Abril Gordon Findlay	
DOI 10.22533/at.ed.57320071018	
CAPÍTULO 19	234
GEOGRAFIA, TERRITÓRIO E QUILOMBOS: OS DESAFIOS NO DEBATE DAS COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS	
Maria Pricila Miranda dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.57320071019	
CAPÍTULO 20	244
PROCESSO REVOLUCIONÁRIO NA ÁFRICA LUSÓFONA: AMÍLCAR CABRAL E O MOVIMENTO DA LUTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL DE GUINÉ-BISSAU E CABO VERDE	
Cam-naté Augusto Bissindé	
DOI 10.22533/at.ed.57320071020	
SOBRE O ORGANIZADOR	260
ÍNDICE REMISSIVO	261

CAPÍTULO 11

QUESTÕES DE (DES)GOSTO: NOTAS REFLEXIVAS SOBRE MASCULINIDADE, NEGRITUDE, HOMOSSEXUALIDADE E AFETO

Data de aceite: 01/10/2020

Data de submissão: 07/07/2020

Vinicius Luis Pires Queiroz

UNESP- Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC).

Marília- São Paulo.

<http://lattes.cnpq.br/0173403026835208>

RESUMO: O presente artigo, fruto de um projeto de iniciação científica apresentado no XXXI Congresso de Iniciação Científica, busca trazer reflexões iniciais de caráter antropológico acerca das possibilidades explicativas para a trajetória afetiva-sexual que homens gays negros possuem, para descrever e/ou interpretar em quais contextos sociais são construídas suas percepções enquanto “sujeitos”. Suas formas de sentir, ser e estar na sociedade, são demonstradas a partir de seus (des)caminhos no que diz respeito à constituição de parcerias afetivas-sexuais. O intuito deste artigo é trazer notas sobre uma reflexão inicial baseada na Antropologia das Emoções, de como indivíduos que tem seus corpos racializados enquanto seres sociais, além de não pertencentes aos valores tidos como “legítimos” na sociedade contemporânea, vivenciam as contradições e conflitos da realidade social.

PALAVRAS - CHAVE: Antropologia; Afeto; Masculinidade; Negritude; Homossexualidade.

DISGUST MATTERS: REFLEXIVE NOTES REGARDING MASCULINITY, HOMOSEXUALITY, NEGRITUDE AND AFFECTION.

ABSTRACT: The present article is the outcome of a scientific initiation project, presented at the XXXI Scientific Initiation Congress, and intends to bring out initial reflections from anthropological nature concerning the explanatory possibilities that the affective-sexual trajectory of black gay men have, to describe or comprehend in which social contexts are built their own perceptions as “individuals”. Their ways of feeling, being and participating in society are manifested from their deep disappointment regarding the constitution of affective-sexual relationships. The main intention of this project is to bring some light upon an initial reflection based on the “Anthropology of Emotions” of how individuals that have their bodies “racialized” as social beings, in addition to not belonging to the “legitimate values” considered by the contemporary society, experience and deal with the contradictions and conflicts of social reality.

KEYWORDS: Anthropology; Affection; Masculinities; Blackness; Homosexuality.

INTRODUÇÃO

A sexualidade humana, assim como a identidade étnico racial e as problemáticas provenientes de seus conflitos, não são de maneira alguma universo inexplorado pelas ciências sociais em especial pela antropologia. Já existe uma série de debates teóricos que

resultou em consideráveis conceitos que nos apontam argumentos intelectualmente promissores sobre a categoria sexualidade, tanto sobre a categoria étnico racial como chaves de compreensão acerca da realidade social. Além de possibilidades de como empregar interpretações, partindo ou incorporando estas categorias.

Sobre a categoria da sexualidade e sua importância para as Ciências Sociais, a antropóloga Verena Stolckes (1991), apesar de colocar ênfase no conceito analítico de gênero e seus pontos de contato e divergências com o sexo (no sentido biológico que define a diferença entre macho e fêmea) em sua análise, nos traz uma descrição que substantia a categoria sexualidade, além de distinguir outras categorias que coabitam esse universo temático:

O conceito analítico de "gênero" se destina a desafiar a máxima essencialista e universalista de que a "biologia é o destino". Ele transcende o reducionismo biológico, interpretando as relações entre homens e mulheres como formulações culturais resultantes da imposição de significados sociais, culturais e psicológicos sobre as identidades sexuais. Em consequência, tornou-se necessário distinguir "gênero" como criação simbólica, "sexo", que se refere ao fato biológico da pessoa ser fêmea ou macho, e "sexualidade", que tem a ver com preferências e comportamentos sexuais [...]. Para explicar essas variações transculturais nas relações entre mulheres e homens, era preciso buscar as raízes históricas e sociais dessas variações. (STOLCKES, 1991, p. 103)

Lançar um olhar sociológico (BOZON, 2004, p.13) possibilita caminhos para que desnaturalizemos processos pré-concebidos como naturais e normativos, para assim extrair de um aspecto particular da vida social reflexões acerca da estrutura, processos ou signos sociais aos quais essa mesma sociedade está circunscrita. Nas palavras do autor, esse olhar sociológico:

[...] mostra que a construção social tem um papel central na elaboração da sexualidade humana. Enquanto a programação biológica continua sendo predominante na sexualidade animal, os homens, como "animais desnaturados" que se tornaram, já não sabem mais se comportar sexualmente por instinto. Eles não só necessitam de um aprendizado social para saber de que maneira, quando e com quem agir sexualmente, como não conseguem agir sem dar um sentido aos seus atos. E, como construção social, a sexualidade humana implica, de maneira inevitável, a coordenação de uma atividade mental como uma atividade corporal, aprendidas ambas através da cultura. A sexualidade humana não é um dado da natureza, Construída socialmente pelo contexto cultural em que está inscrita, essa sexualidade extrai sua importância política daquilo que contribui, em retorno, para estruturar as relações culturais da qual depende, na medida em que as "incorpora" e representa. Assim, na maioria das sociedades a sexualidade tem um papel importante não apenas na legitimação da ordem estabelecida entre os sexos, como também na representação da ordem das gerações (BOZON, 2004, p.13,14).

Sobre os conceitos pertencentes à categoria analítica étnico racial, Stolckes (1991) traz considerações pertinentes para uma melhor compreensão, a primeira delas é a

diferente definição de etnicidade e raça:

A mudança do uso de “raça” para “eticidade” teve pelo menos duas consequenciais. De um lado, tendia a minimizar ou evitar o racismo prevalecente, ou seja, discriminações e exclusões ideologicamente justificadas, como resultados de supostas deficiências morais ou intelectuais realmente existentes e, portanto hereditárias. Por outro lado, a “raça”, sendo relegada a natureza, e contraste com a “eticidade”, compreendida como identidade cultural, era paradoxalmente reificada como fenômeno distinto [...] A disputa quanto a se “eticidade” e “raça” são fenômenos interligados ou se referem a sistemas distintos de classificação social parece análoga aos enigmas sobre se as diferenças de sexo constituem a base natural a partir da qual se constroem as relações de gênero. (STOLCKES, 1991, p.107)

Realmente, é inegável que o processo de construção do “Eu” e do “Outro” a partir da ótica do colonizado tenciona os hiatos entre a realidade social, representação psicológica e uma suposta universalidade da consciência nos moldes Iluministas (FANON, 2008). Esse movimento de esmiuçar de forma crítica conceitos postulados nos paradigmas clássicos abriu margem para o questionamento de uma espécie de autoridade etnográfica como conhecimento neutro e sem intencionalidade (CLIFFORD,1998). Sobre o impacto epistêmico que os estudos coloniais e neocoloniais trouxeram para as Ciências Sociais, James Clifford (1998) sintetiza de forma precisa que:

O dilema atual está associado à desintegração e à redistribuição do poder colonial nas décadas posteriores a 1950, e as repercussões das teorias culturais radicais dos anos 60 e 70. Após a reversão do olhar europeu em decorrência do movimento da “negritude”, após a crise de consciência da antropologia em relação a seu status liberal no contexto da ordem imperialista, e agora que o Ocidente não pode mais se apresentar como único provedor de conhecimento antropológico sobre o outro, tornou-se necessário imaginar um mundo de etnografia generalizada [...] Este mundo ambíguo, multivocal, torna cada vez mais difícil conceber a diversidade humana como culturas independentes, delimitadas e inscritas. (CLIFFORD, 1998, p. 18-19)

Um ponto importante a se destacar, é que os conceitos de etnia e racialidade são idiossincráticos. Para poder instrumentalizar os conceitos de raça e etnia e, afim de evitar algumas confusões sobre ambos, Stolckes (1991) argumenta que:

[...] “raça” como categoria biológica de diferença social sistemática não existe. De maneira inversa, nem sempre etnicidade é necessariamente concebida como atributo de grupo puramente cultural, não naturalizado. Entretanto, as categorias classificatórias não são um fenômeno independente. Para serem entendidas adequadamente, não é possível divorciá-las do contexto sócio-político mais amplo, em que são usadas, pois é este que lhes dá seu significado. (STOLCKES, 1991, p 110)

Dimensionar essas questões é de fundamental importância para que se possa instrumentalizar a categoria étnico racial e interpretar a realidade social brasileira, tendo em vista que os conflitos étnicos raciais se desdobraram em uma expressão peculiar de

racismo no contexto brasileiro, onde a aparência (fenótipos) marca o sujeito com estigmas na medida em que se aproxima de fenótipos tidos como “negros” (OLIVEIRA, 2000).

Descritas esses conceitos em linhas gerais, partimos então para a análise da sexualidade e da identidade étnico racial. Entendo que, por serem categorias de análises sociais, podemos articular essas categorias a processos, ou fenômenos sociais das mais diversas naturezas. Podemos fazer (como muitos estudos fizeram), uma análise que parta do fenômeno econômico, que é as disparidades étnico raciais e de gênero quando se diz respeito à renda econômica desses sujeitos, ou quais são os postos de trabalho comumente assumidos por pessoas não heterossexuais, e por consequência delinear um perfil do/a trabalhador/a não heterossexual. Ou ainda, dando um recorte histórico hipotético, poderíamos analisar o surgimento de espaços de entretenimento voltados para gays, lésbicas, bissexuais pessoas trans e travestis, entre outros sujeitos que não se enquadram na heterossexualidade e ou na cisgenericidade (LGBT's) surgiram em um local do Brasil também hipotético.

Desenvolvendo uma pesquisa que parte dos fenômenos “tempo” e “espaço”, as possibilidades são inumeráveis. Dito isso, evidencio que o fenômeno pelo qual pretendo refletir sobre as categorias da sexualidade e da identidade étnico racial, são as emoções como produto das relações sociais. Mas afinal de contas, o que seriam as emoções para as Ciências Sociais? E teriam as emoções uma validade científica?

Como nos aponta Lindner:

Emoções e conflitos se encontram profundamente inscritos na mesma transição histórica. [...] As emoções foram usadas como ferramentas secreta na dinâmica de poder do passado. Quem está no poder manipula as emoções para vencer conflitos preventivamente, antes que eles possam entrar abertamente em erupção. O poderoso, assim como os “sucessivamente enganados”, sem poder, tem grandes dificuldades de compreender essa manipulação, principalmente porque, como mencionado anteriormente, ela é secreta e se é normalmente cego para esse tipo de manipulação. Todo mundo é, até certo ponto, vítima, os sem poder tanto quanto os poderosos nasceram em contextos culturais e sociais preexistentes deles. (LINDNER, 2013, p. 856)

Exposto isso, partimos então para os “porquês” de se eleger homens gays negros como sujeitos interlocutores na interpretação sobre esse processo que articula poder e representação social a partir do prisma das emoções, buscamos compreender os arranjos que socializam a subjetividade e constroem a percepção desse indivíduo duplamente marginalizado, além de compreender onde os efeitos dessa marginalização afetam a subjetividade desses sujeitos de forma nociva ou negativa (VEIGA, 2018).

DESENVOLVIMENTO

Para entender os efeitos do racismo e da homofobia na subjetividade de homens gays negros, temos antes que entender como homossexualidade e negritude foram

construídas como “qualidades negativas” em nossa sociedade. De acordo com Goffman (2008), a construção do conceito de estigma tem origem grega e refere-se: “[...] a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa extraordinária ou mau sobre o status moral de quem os apresenta” (p. 11).

O autor segue argumentando que no estigma:

[...], encontram-se as mesmas características sociológica: um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor à atenção e afastar aqueles que encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Ele possui um estigma, uma característica diferente da que havíamos previsto. (GOFFMAN,2008, p. 14)

Goffman também descreve que o(s) estigma(s) tem genealogias distintas, manifestando-se de formas diferentes. O autor ainda caracteriza três tipos de estigma, sendo eles o estigma de “abominações do corpo”, “culpas de caráter” e o estigma “tribal de raça” (2008, p. 14).

Dito isso, podemos supor que homens gays negros se encontram numa dupla estigmatização, já que a homossexualidade é apontada por Goffman como um estigma de “culpa de caráter” (2008, p. 14) e o racismo como resultado do estigma “tribal de raça” (2008, p. 14).

Mas cada uma dessas categorias sociais de percepção da diferença carregam consigo especificidades históricas singulares ao seu processo, que as fazem ser estigma independentes e por si só problemáticas sociológicas diferenciadas. Então como explicar suas origens, e principalmente, seus pontos de convergência em termos de opressão além da sua materialização no cotidiano prático dos sujeitos observados?

De acordo com Ferreira e Caminha, ao refletirem acerca dos discursos midiáticos e seus impactos, os autores concluem que:

A grande mídia é eficiente em categorizar os sujeitos e estigmatizar aqueles que são excêntricos as suas imposições de normalidade. No caso do negro, a falta de representatividade causa a impressão de que ‘ele nunca saiu da senzala’, e a repetição dos paradigmas eurocêntricos dá mais força ao sentimento de inferioridade, naturalizando a baixa estima em toda a raça. Mas, e quando racismo se entrelaça com homofobia? Se a ‘sexualidade exemplar’ é a do homem branco – a heterossexualidade -, ser negro e homossexual é estar no fogo cruzado dos dois lados de não pertencimento. (20017, p. 164)

Os autores ainda seguem descrevendo que:

Ser gay e negro é ser preterido em favor do branco, pela cor de sua pele, e ser tido como traidor da masculinidade, pelo seu grupo étnico. Afinal, no Brasil, enquanto o mestiço é exótico e erótico, o corpo do homem negro é hipersexualizado e razão de seus traços particulares, Logo as representações midiáticas tendem a reforçar o estereótipo do ‘ganhão’ negro libidinoso. (FERREIRA;CAMINHA, 2017, p.164-165)

Dando continuidade ao argumento da citação acima:

No momento em que raça vai de encontro com à homossexualidade, o produto resultante é depreciado pelos mass media como sendo uma imitação cômica da imperfeição (ser negro) e da perversão (ser gay). Alguns personagens da ficção são interpretados de modo exagerado e agressivo, como criaturas patéticas, inúteis e afetadas à beira da incivilidade. Mas, ao contrário do racismo, o alvo preferência de um discurso homofóbico não é um grupo étnico, mas o indivíduo isolado [...]. Em outras palavras, o ataque ao negro homossexual, transformando-o em vítima da intolerância da sociedade e de sua raça. (FERREIRA;CAMINHA, 2017, p.165)

A materialização desses discursos midiáticos causam grandes impactos na percepção de indivíduo dos homens gays negros, limitando sua atuação enquanto sujeito social, visto que o mesmo está preso a estereótipos acerca da sua performance de gênero, simbioticamente relacionados à sua identidade étnico racial. A hipersexualização do corpo negro e a animalização de sua sexualidade resultou numa concepção generalizada de que um corpo negro masculino necessariamente deve exercer uma hipermasculinidade, marcada pela exacerbada virilidade além de uma constante necessidade sexual. Logo, qualquer outra expressão ou performance de masculinidade que não corresponda à noção generalizada, frequentemente causa a homens gays negros, em diferentes graus, um sentimento de rejeição vindo de seu(s) grupo(s) de sociabilidade. Sobre essa questão, a pesquisa sobre o aplicativo Grindr¹ feita por Vinicius de Paiva Costa e João Lucio Mariano (2018), apontam importantes considerações. Os autores extraem de seu “campo” as seguintes questões:

Nesse sentido, a partir dos hábitos do aplicativo, pode-se verificar o reforço da construção de uma sociedade machista, patriarcal, racista e eurocêntrica, na qual o padrão de beleza se resume a um homem masculinizado, que tenha pele branca, e de preferência, não seja de classe social baixa. No mesmo pacote, na outra ponta, sendo vítimas do fetichismo, tem-se os homens negros, que são procurados, na maioria dos casos, com a expectativa de que sejam fortes, viris ou que tenham um pênis grande e que sejam capazes de satisfazer todos os desejos do companheiro. (DE PAIVA COSTA; CRUZ, 2018, p. 11)

Os autores chegam a conclusão que:

Além do racismo observado nesta análise inicial, justificada por falas como “procuro caras brancos” e “negros não me atraem” que podem ser encontradas nas bios do aplicativo, homens gays que também não seguem a lógica binária do comportamento normativo- na qual homens precisam ser masculinos e mulheres feminilizadas – também sofrem exclusão dentro do aplicativo, o corriqueiro “não sou e não curto afeminados”. (DE PAIVA COSTA; CRUZ, 2018, p 13)

¹ Grindr é um aplicativo para smartphone de relacionamentos e interação, voltado especialmente para homens homoafetivos, onde, por meio de um dispositivo de geolocalização os usuários conseguem interagir entre si através de mensagens e troca de mídias (fotos, áudios, vídeos, etc.), além de ver sua distância geográfica entre outros usuários.

Outro sentimento que aparentemente se mostra recorrente na trajetória afetiva de homens gays negros é o sentimento de não pertencimento, que consiste basicamente numa mescla da sensação de preterimento, nas mais variadas situações sociais, somada à sensação de uma impossibilidade de integração plena nos espaços de sociabilidade em que se habita. Um conceito que exprime essa ideia emoção, é o conceito de “afeto diáspora” (VEIGA, 2018, p. 80). Tal conceito é definido pelo autor da seguinte maneira:

É próprio da negritude, com todas as intersecções que a ela podemos relacionar, o “afeto diáspora” como sendo a sensação permanente de estar fora de casa, fora da possibilidade de ser integrado e genuinamente acolhido onde se vive. A subjetividade negra é diaspórica, por trazer em sua memória corporal e genealógica a saída de seu lar, de seu espaço de segurança e de afirmação de si e da cosmologia de seu povo (VEIGA, 2018, p. 80)

Ainda sobre a sensação do preterimento, como dito antes, ele se manifesta nas mais variadas relações sociais, sendo que, entretanto, é na trajetória afetiva desses sujeitos que ele se torna mais intermitente na medida em que os homens gays negros são enquadrados e limitados por arquétipos (ou estereótipos) culturais resultantes das estruturas e processos sociais. Sobre isso, Veiga (2018) descreve como esses arquétipos (ou estereótipos) internalizam violências de ordem simbólica na psique de homens gays negros. Chamados aqui pelo autor como bixas pretas, mas não no sentido pejorativo, como insulto vulgar frequente no cotidiano de homens gays negros, mas sim como ressignificação de uma identidade, a partir de uma espécie de sarcasmo político que nega a percepção senso comum da homossexualidade e da negritude como estigma e reafirma uma positividade nesses marcadores da diferença na constituição da identidade (PRECIADO, 2014). Feita essa ressalva, seguimos com a referida citação:

Com a autoestima enfraquecida, a bixa preta tende a lidar com a solidão e com o desejo de ser amada, ainda que por vezes creia, inconscientemente, que não mereça receber amor [...] Sua imagem não é representada, seu corpo quando aparece é, quase sempre, em posição de subalterna ou de modo pejorativo. Sendo os diversos dispositivos midiáticos um dos principais vetores de produção do desejo e estando a bixa preta numa condição de rejeição dentro desses dispositivos, o lugar que lhe é relegado na economia é um não-lugar. Ser vista como exótica e ser constantemente fetichizada pelas bixas brancas são marcações desse não lugar. Há uma redução de sua humanidade, da sua integridade como pessoa, que inclui sua personalidade, sua história, seus desejos, seu modo de ver e de estar no mundo a uma dimensão corporal. O não-lugar da bixa preta na economia do desejo é o lugar de um corpo, por vezes animalizado, em que a fantasia em torno do tamanho do pênis e de sua performance sexual preenche o imaginário da bixa branca, deixando pouco espaço para que a bixa preta possa entrar na economia do desejo como sujeito que tem um corpo e não apenas um corpo. (VEIGA, 2018, p. 84-85)

Tendo em vista o que foi explanado de maneira geral, a partir do que os autores até agora aqui trabalhados discorrem, podemos perceber que a estigmatização da identidade (homo)sexual e étnico racial de homens gays negros decorrem em conflitos que em

diferentes graus estruturam suas experiências emocionais e, de maneira geral, sugere que alguns sentimentos são mais intermitentes (CASTRO, 1993) nas suas trajetórias que outros, e em comparação a outros grupos sociais. Entretanto, por se tratar de sujeitos que não estão “engessados” nas estruturas sociais e culturais, os mesmos procuram explorar as possibilidades de tais estruturas, inclusive seus pontos de fragilidade, contradição e rupturas.

Um olhar somente pelas aparências talvez nos faça recair a uma noção generalizada e pulverizada acerca das trajetórias afetivas desses sujeitos, tidos aqui como uma identidade social, ou seja, constituída por mais de um indivíduo. Descrever trajetórias afetivas individuais de sujeitos que compartilham dos mesmos estigmas não garante que será possível refletir sobre aspectos gerais sobre essa identidade, pois esses sujeitos, mesmo compartilhando dessas condições que o estigmatizam, não vivem o estigma de maneiras iguais. Outros fatores ou variáveis influenciam esse processo, e apesar da aparência na superfície das narrativas que irão surgir, os pontos de convergência não estão somente aí. Essa descrição, além de contar com a experiência de mais de um sujeito, deve ser submetida a uma série de questionamentos, comparações, análises e interpretações profundas sobre seu significado mais particular (individual) ao mais amplo (coletiva), o que Geertz (2008) nos aponta como um fazer etnográfico que se proponha a uma “*descrição densa*” (p.4). Ainda, sobre essa articulação das emoções como objeto antropológico, Ana Lemos Pacheco (2013) pontua que, a escolha de falar de emoções num sentido antropológico deve explicitar as preferências pré-concebidas presentes no imaginário social e cultural de nossa sociedade (PACHECO, 2013), na premissa construída pela autora: “*a experiência emocional informaria sobre a estrutura social, relações de poder, as noções de corpo e outras formas culturais*” (2013, p. 44).

Afim de compreender a importância da etnografia como uma técnica de pesquisa, a definição de Clifford a expressa de forma coesa o ponto de vista adotado aqui:

Podemos contribuir para uma reflexão prática sobre a representação intercultural fazendo um inventário das melhores, ainda que imperfeitas, abordagens disponíveis. Destas, o trabalho de campo etnográfico permanece como um método notavelmente sensível. A observação participante obriga seus praticantes a experimentar, tanto em termos físicos quanto intelectuais, as vicissitudes da tradução. Ela requer um árduo aprendizado linguístico, algum grau de envolvimento e conversação, e frequentemente, um “desarranjo” das expectativas pessoais e culturais. É claro que há um mito do trabalho de campo. A experiência real, cercada como é pelas contingências, raramente sobrevive a esse ideal; mas como meio de produzir conhecimento a partir de um intenso envolvimento intersubjetivo, a prática da etnografia mantém um certo status exemplar. Além disso, se o trabalho de campo foi durante algum tempo identificado com uma disciplina singularmente ocidental e uma ciência totalizante, a “Antropologia”, tais associações não são necessariamente permanentes. Os atuais estilos de descrição cultural são historicamente limitados e estão vivendo importantes metamorfoses. (CLIFFORD, 1998, p.20)

Outra técnica que se deriva da etnografia, muito como o outro lado da moeda dessa técnica, é a Auto Etnografia. Em linhas gerais, esse método consiste em manter a etnografia como “orientação metodológica”, porém atrelando a autobiografia como “orientação de conteúdo” num movimento comparativo entre as experiências do/a autor/a com as experiências coletadas em campo, para assim construir uma “orientação cultural” baseada na interpretação (SANTOS, 2017, pg. 218). De forma mais detalhada o autor define que:

Assim posto, o que caracteriza a especificidade do método autoetnográfico é o reconhecimento e a inclusão da experiência do sujeito pesquisador tanto na definição do que será pesquisado quanto no desenvolvimento da pesquisa (recursos como memória, autobiografia e histórias de vida, por exemplo) e os fatores relacionais que surgem no decorrer da investigação (a experiência de outros sujeitos, barreiras por existir uma maior ou menor proximidade com o tema escolhido, etc.). Dito de outra maneira, o que se destaca nesse método é a importância da narrativa pessoal e das experiências dos sujeitos e autores das pesquisas, o fato de pensar o papel político do autor em relação ao tema, a influência desse autor nas escolhas e direcionamentos investigativos e seus possíveis avanços. Tudo isso tem uma conexão direta com o reconhecimento do caráter político e transformador que tal método assume ao “dar voz para quem fala” e em “favor de quem se fala” (Reed-Danahay, 1997, p.3) – basta pensarmos nos estudos queer, sobre o feminismo, o black feminism e a questão racial. (SANTOS, 2017, p. 219-220. Apud. REED-DANAHAY, 1997, p. 3).

Apesar de ser destoante da noção de que o pesquisador deve manter um distanciamento do sujeito-objeto de pesquisa, postulada pelas teorias clássicas das ciências sociais, o processo de observar e examinar a sociedade em que se está inserido é de válida importância reflexiva. Gilberto Velho (1987) já vinha ressaltando essa importância ao descrever o processo de observar o entorno da sociedade brasileira. O autor descreve que:

[...] O processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações. O estudo de conflitos, disputas, acusações, momentos de descontinuidade em geral é particularmente útil, pois, ao se focalizarem situações de drama social, podem-se registrar os contornos de diferentes grupos, ideologias, interesses, subculturas etc., permitindo remapeamentos da sociedade. O estudo do rompimento e da rejeição do cotidiano por parte de grupos ou indivíduos desviantes ajuda-nos a iluminar, como casos limites, a rotina e os mecanismos de conservações e dominação existentes (VELHO, 1987, p. 131-132)

Em síntese, a escolha por elencar essas técnicas para serem minimamente exploradas no presente texto, repousam, fundamentalmente, na premissa de que:

“A relação sujeito objeto não condiz com os pressupostos positivistas de uma separação radical e nem com os pressupostos relativistas exagerados que pressupõem um distanciamento entre investigador e investigado” (PACHECO, 2013, p. 38-39)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de chegar a uma conclusão para o que tentei apontar ao longo deste texto, devo indicar de que local social, enquanto autor, eu falo. Ou seja, onde me encontro em termos de identificação com o “*objeto de estudo*”. E sobre isso devo anunciar que, quem vos fala, é uma bixa negra. E o que isso significa? Significa que me encontro em total identificação com os sujeitos observados, ou até mesmo, eu sou o sujeito estudado. Poderia eu ser uma das pessoas convidadas a dar uma entrevista e participar da pesquisa como informante e ter meus comportamentos afetivos-sexuais como motriz reflexivo deste artigo, caso não fosse eu o autor do mesmo.

Mas é válido ressaltar que minha experiência, vista em sua individualidade, não exprime de maneira alguma a totalidade e complexidade de relações, meandros, símbolos e estruturas criadas por este grupo social, elegido aqui, grupo focal da pesquisa. Entretanto, ela cumpre um papel de extrema importância reflexiva, no que diz respeito à capacidade de “*estranhar o familiar*” (VELHO 1987, p. 132), processo que como vimos é constitutivo do fazer antropológico que se propõe a explicar a realidade social em que está inserida para além das aparências, na medida em que faz a/o pesquisador refletir de forma crítica e constante sua relação com os sujeitos pesquisados e sua posição como pesquisador/a de forma íntima. Em outras palavras:

[...] Todavia, mesmo sendo parte do que tomo como objeto-sujeito de estudo, mesmo eu sendo meu próprio objeto de estudo, compreendo, [...] que a experiência biográfica que apresento aqui, esse strip-tease, deve ser, antes, considerada como um instrumento de reflexão, não como um objeto de reflexão. (LOPES, 2016, p. 12)

Sobre o que motiva essas reflexões iniciais, tomo emprestado a seguinte descrição:

Somente podemos sentir a precarização de nossas vidas como homens negros se acreditarmos que existe apenas a masculinidade patriarcal, heterossexual e branca do mundo perfeito ou talvez existem dilemas que abrigam elementos negativos que as masculinidades negras precisam enfrentar a partir delas mesmas? Masculinidades racializadas devem começar a ser vistas como experiências que articulam em torno dos sujeitos que as vivenciam um conjunto de fragilidades afetivas e de sofrimento emocionais, uma série de contradições psicológicas e de paradoxos políticos. Masculinidades racializadas não estão acopladas nos corpos de homens negros, pois elas não nascem nesses corpos, são colocadas, forçosamente, nesses corpos. (RIBEIRO, 2019, p. 105).

Dito isso, só resta reafirmar que o texto presente buscou refletir sobre o conjunto de questões apresentadas, na tentativa de trazer de volta a humanidade historicamente negada aos corpos negros, já marcados pelo racismo presente nas estruturas sociais brasileiras (VEIGA, 2018), que ousaram questionar a normatividade sexual no país com os maiores índices de assassinato de pessoas trans no mundo, além de ser o 68º país no

ranking que elenca a segurança proporcionada pelos países para ser LGBT².

REFERÊNCIAS

BOZON, Michel. **Sociologia Da Sexualidade**. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: FGV, 2004. p. 11-161.

CAMINHA, Tibério; FERREIRA, Dina Maria Martins. PIGMENTOCRACIA E A EXPERIÊNCIA DO PRETERIMENTO NA HOMOSSEXUALIDADE NEGRA. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, DF, v. 18, n. 2, p. 156-174, jun./2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/5796>. Acesso em: 7 jul. 2020.

CASTRO, Celso. Homo Solitarius : notas sobre a gênese da solidão moderna. **Cadernos de Campo**, São Paulo, SP, v. 4, n. 4, p. 71-80, mar./1994. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50684>. Acesso em: 7 jul. 2020.

CLIFFORD, James. Sobre a Autoridade Etnográfica. In: CLIFFORD, James. **A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século xx**. Rio de Janeiro: Editora Ufrj, 1998. Cap. 1. p. 17-63. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1861905/mod_resource/content/1/A%20Experi%C3%Aancia%20Etnogr%C3%A1fica_Antropologia%20e%20Leitura%20no%20S%C3%A9c.%20XX_Sobre%20a%20Autoridade%20Etnogr%C3%A1fica%20-%20James%20Clifford.pdf. Acesso em: 25 set. 2020.

CRUZ, V. D. P. C. J. L. M. Gaydárpio: : Estigmatização de Corpos no Aplicativo Grindr. **Anais do XX CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO CENTRO-OESTE**, Campo Grande, MS, v. 1, n. 1, p. 1-15, jun./2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2018/resumos/R61-0283-1.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2020.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. . 1. ed. Salvador, BA: EDUFBA, 2008. p. 1-191.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro, R.J: LTC- Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 2008. p. 3-215.

GOFFMAN, Erving. Estigma e Identidade Social: Noções Preliminares. In: GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ltc, 2008. Cap. 1. p. 11-28.

LINDNER, Evelin Gerda. O que são emoções? . **RBSE**, João Pessoa, PA, v. 12, n. 36, p. 854-883, dez./2013. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/RBSEv12n36dez2013completoword.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2020.

PACHECO, Ana Lemos. **Mulher negra**:: afetividade e solidão. 1. ed. Salvador, BA: EDUFBA, 2013. p. 17-381.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrassexual** : Praticas subversivas de identidade sexual. 1. ed. São Paulo, SP: N-1 Edições, 2014. p. 9-223.

REED-DANAWAY, Deborah. "Introduction." In: REED-Danahay, Deborah. **Auto/Ethnography: Rewriting the Self and the Social**, New York: Berg, 1997.

2 Sobre essa questão ver o relatório elaborado pela Associação Nacional de Travestis de Transexuais (ANTRA): <https://antrabrasil.org/category/violencia/>

RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. **COMO MATAR LENTAMENTE A SI MESMO E CONTINUAR VIVENDO?**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 11, n. 30, nov. 2019. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/788>>. Acesso em: 06 jul. 2020.

SANTOS, S. M. A. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural**, São Paulo, SP, v. 24, n. 1, p. 214-241, ago./2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972>. Acesso em: 7 jul. 2020.

SOUZA LOPES, Joyce. **Autoetnografia, Geopolítica e Corpo-Política do Conhecimento: por uma teoria antropológica descolonial sobre raça no Brasil**. In: VI Seminário do Programa da Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (PPGCS/UFRB), 2016, Cachoeira. Anais do VI Seminário do PPGCS: Poder e Cultura: discursos e contradições, 2016. Disponível em: < https://www3.ufrb.edu.br/sppgcs2016/images/ARTIGO_COMPLETO_-_Joyce_Souza_Lopes.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2020.

STOLCKES, Verena. Sexo está para gênero assim como raça para etnicidade.. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, RJ, v. 20, n. 20, p. 101-119, jun./1991. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2057891/mod_resource/content/0/Stolcke.pdf. Acesso em: 7 jul. 2020.

VEIGA, Lucas. As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. **Tabuleiro de Letras**, São Luís, BA, v. 12, n. 1, p. 77-88, 2018. Disponível em: <<http://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/5176>>. Acesso em: 7 jul. 2020.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A aventura sociológica: objetividade, paixão, imprevisto e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 1 – 13.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afeto 2, 43, 128, 134

Africanidades 38, 42, 43, 44, 46, 48

Alteridade 16, 54, 113

América Latina 3, 4, 14, 81, 84, 163, 169, 180, 181, 185, 187, 188, 190, 238

Antropologia 128, 130, 135, 138, 179, 195, 207, 235, 236

Arquétipos 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 126, 134

Artes 60, 101, 114, 116, 117, 120, 125, 127, 178

C

Comunicação 57, 58, 63, 64, 69, 70, 126, 138, 142, 148, 150, 154, 156, 159, 161, 166, 181, 186, 190, 192, 194, 195, 207, 245, 260

D

Democracia 29, 37, 41, 49, 50, 52, 54, 56, 58, 59, 75, 79, 185, 224, 227, 254, 256

Dialética 1, 2, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 54, 57, 113, 161

Direitos das Mulheres 73, 77, 79, 81

Direitos Humanos 16, 17, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 51, 52, 53, 54, 74, 78, 183, 191, 193

Discurso 4, 50, 56, 62, 63, 64, 72, 87, 92, 113, 127, 133, 147, 150, 195, 196, 197, 199, 200, 202, 203, 204, 206, 207, 217, 224, 227, 254

Diversidade 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 41, 42, 47, 55, 58, 63, 65, 68, 71, 79, 109, 150, 158, 163, 164, 198, 211, 239, 243

E

Educação 5, 13, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 56, 57, 61, 62, 63, 71, 72, 73, 75, 76, 83, 85, 91, 106, 122, 199, 202, 204, 220, 224, 236, 246

Emancipação Feminina 73

Ensino 15, 25, 26, 28, 29, 34, 35, 38, 39, 41, 43, 48, 50, 56, 59, 60, 62, 63, 65, 67, 68, 71, 90, 102, 104, 114, 125, 199, 208, 210, 220, 221, 222, 223, 224, 225

Escola 20, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 53, 55, 58, 62, 68, 71, 78, 90, 112, 147, 149, 179, 209, 210, 220, 221, 222, 223, 224

Estigma 116, 132, 134, 135, 138, 167, 170, 171, 176, 177, 178

Ética 11, 16, 19, 23, 24, 59, 83, 84, 103, 149, 178

Etnografia 38, 43, 48, 130, 135, 136

Eugenia 140, 146, 150

F

Formação Continuada 62, 63, 64, 65, 71

Fronteiras 56, 57, 72, 194, 200, 201

G

Geografia 147, 234, 235, 236, 238, 239, 240, 242, 243

H

História 1, 2, 7, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 23, 34, 38, 40, 41, 42, 47, 54, 58, 61, 78, 80, 84, 89, 99, 114, 120, 122, 125, 134, 140, 141, 150, 161, 169, 185, 186, 187, 196, 197, 200, 202, 206, 207, 208, 210, 211, 212, 214, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 232, 235, 236, 240, 241, 248, 249, 256, 257, 258, 259

Homossexualidade 128, 131, 132, 133, 134, 138

I

Idosos 204

Inconsciente Coletivo 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 126

Integração Social 55

J

Jornalismo 140, 195

Juventudes 49, 50, 54, 55, 60, 61

L

Ludicidade 38, 41, 42, 43, 46, 48

Lugares de resistência 38

M

Masculinidades 137

Movimento Migratório 180

Movimentos Feministas 73, 74, 75, 78, 79, 80, 81, 83

N

Negritude 115, 128, 130, 131, 134, 149, 246

O

Outsiders 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178

P

Patriarcado 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 83, 84

Pedagogia do teatro 114

Periódicos 126, 140, 141, 143, 145, 148

Plantas Medicinais 85, 86, 89, 90, 96, 97, 98, 99

Pobreza 3, 16, 17, 18, 19, 20, 23, 24, 25, 27, 34, 36, 37, 180, 189, 192

Propriedade da terra 226, 228

Q

Quilombo 142, 143, 234, 236, 237, 238, 239, 242

R

Racismo 32, 39, 40, 41, 47, 48, 53, 64, 104, 130, 131, 132, 133, 137, 140, 147, 148, 173, 246, 248, 257

Refugiados 180, 182, 183, 184, 185, 192, 193

S

Saúde 4, 5, 28, 31, 73, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 106, 116, 150, 160, 163, 169, 170, 179, 180, 181, 190, 191, 204, 205, 206

Serviço Social 1, 2, 3, 4, 5, 6, 10, 11, 12, 13, 14, 15

Situação de rua 16, 17, 21, 22, 23, 24

T

Temas transversais 28, 208, 221, 222, 223

Teoria Marxiana 1

Território 22, 53, 104, 123, 146, 183, 184, 191, 200, 201, 202, 223, 225, 229, 231, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 246, 247, 248, 252, 254, 255

V

Violação 16, 17, 21, 23, 26, 148, 183

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 